

VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO: O CASO DE *ESTÁ/TÁ* NA FALA POPULAR SOTEROPOLITANA

Viviane Marcelina da Silva (UNEB)

viviane.marcelina@hotmail.com

Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

crystycarvalho@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos analisar, na fala popular soteropolitana, os usos de *está/tá* na interface entre variação e mudança via gramaticalização. Para tanto, assumimos os pressupostos teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo (CEZARIO; ABRAÇADO; MARQUES, 2016; GORSKI; TAVARES, 2016; TAVARES, 2013 etc.), a partir das contribuições do Funcionalismo norte-americano, na perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]). Como *corpus*, analisamos dezesseis inquéritos do Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador (PEPP). Como variáveis independentes, consideramos as seguintes: valor semântico/estrutural de *está/tá*; sexo; nível de escolaridade e faixa etária. Como resultados preliminares da análise quali-quantitativa, evidenciamos que: (i) o verbo *estar*, no presente do indicativo, como forma plena ou reduzida, ocorre com os seguintes usos: verbo (pleno, de ligação e auxiliar); advérbio de afirmação/concordância; marcador discursivo; (ii) entre esses usos, os mais frequentes são os de verbos pleno (não gramaticalizado) e auxiliar (gramaticalizado); (iii) há influência de parâmetros sociais no que diz respeito à variação entre as formas *está* e *tá*.

Palavras-chave:

Gramaticalização. *Está/tá*. Variação linguística.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the popular speech of people from Salvador, specifically the usage of *está/tá* at the interface between variation and change through grammaticalization. We assume the theoretical-methodological assumptions of Socio-functionalism (CEZARIO; ABRAÇADO; MARQUES, 2016; GORSKI; TAVARES, 2016; TAVARES, 2013 etc.), from the contributions of American Functionalism, with the view of the classical approach of grammaticalization (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]) and the contributions of Sociolinguistics Variationist (LABOV, 2008[1972]). We analyzed sixteen surveys from the Popular Portuguese Spoken from Salvador (PEPP) Studies Program. As independent variables, we consider the following: semantic/structural value of *está/tá*; gender; level of education and age group. As preliminary results of the quali-quantitative analysis, we show that: (i) the verb *estar* ('to be'), in the present tense, as full or reduced form, occurs with the following uses: verb (full, binding and auxiliary); affirmation/concordance adverb; discursive marker; (ii) among these uses, the most fre-

quent are those of full (non-grammatic) and auxiliary (grammatic) verbs; (iii) there is a influence of social parameters regarding the variation between the forms *está* and *tá*.

Keywords:

Grammaticalization. *Está/Tá*. Linguistic variation.

1. Introdução

Em relação ao emprego do verbo *estar*, pesquisas (MENDES, 1999; REIS, 2010; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019) têm demonstrado que, em diferentes variedades do português brasileiro, esse verbo tem passado pelos processos de variação, no que diz respeito à alternância entre suas formas fonológicas plenas e reduzidas, e/ou de mudança linguística via gramaticalização, no que concerne aos seus valores semântico-estruturais.

Entendemos aqui a gramaticalização, em consonância com Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Hopper e Traugott (2003 [1993]), como um processo de mudança linguística através do qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Nessa direção, percebemos a necessidade de desenvolver uma reflexão sobre as possíveis mudanças que acontecem na língua em uso, observando quais são essas alterações e como ocorrem. Sendo assim, neste trabalho, pretendemos analisar, na fala popular soteropolitana, os usos do verbo *estar* em suas formas plena (*está*) e reduzida (*tá*), no presente do indicativo, e o seu processo de mudança por gramaticalização. Com base em evidências empíricas da fala soteropolitana, partimos da hipótese de que o presente do indicativo, atrelado ao contexto de segunda pessoa do singular, tem motivado a gramaticalização de *estar*, sobretudo como marcador discursivo, realizado na forma reduzida *tá*.

Para descrição dos usos de *está* e *tá*, seguimos o arcabouço teórico do Sociofuncionalismo (CEZARIO; ABRAÇADO; MARQUES, 2016; GORSKI; TAVARES, 2016; TAVARES, 2013 etc.), a partir dos pressupostos do Funcionalismo norte-americano, na perspectiva da abordagem clássica da gramaticalização (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008[1972])).

Para análise dos dados, utilizamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]) e submetemos os dados a um

tratamento estatístico no programa GoldVarb X. Como *corpus*, neste estudo, examinamos dezesseis entrevistas do banco de dados do Programa de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP)¹ (LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009). Na análise qualitativa, examinamos dados dessas dezesseis entrevistas e, na análise quantitativa, de oito.

Visando à discussão aqui proposta, estruturamos este texto em mais três seções, além desta introdução. Na seção 2, apresentamos pressupostos teóricos centrais do Sociofuncionalismo, sobretudo aqueles relacionados à mudança linguística via gramaticalização. Na seção 3, descrevemos os usos do verbo *estar* com base nos dados da fala popular soteropolitana. Na seção 4, expomos os resultados preliminares da análise quantitativa dos dados. Em seguida, tecemos considerações finais em relação ao fenômeno investigado e aos resultados encontrados.

2. O Sociofuncionalismo e a mudança linguística via gramaticalização

A *interface* entre as abordagens teóricas da Sociolinguística Variacionista/Quantitativa e do Funcionalismo norte-americano consiste em uma pesquisa de natureza sociofuncional. Essa proposta teórica vem, desde a década de 1980, observando a variação e mudança como um processo contínuo e gradual no âmbito linguístico, social e funcional. Segundo Tavares (2013), estudos na perspectiva sociofuncionalista foram desenvolvidos no Brasil, no domínio do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), na Universidade Federal do Rio, com o objetivo de entender a variação linguística do ponto de vista da função discursiva.

Nesse contexto, tem-se que a variação e a mudança linguísticas interferem na estrutura gramatical, de modo que essa estrutura seja resultante do uso na situação real de comunicação e a relação entre variação morfossintática e o processo de mudança se dá por gramaticalização associada ao contexto discursivo. De acordo com Cezario, Marques e Abraçado (2016), o Sociofuncionalismo não faz distinção rígida entre os

¹ O PEPP foi organizado pelas professoras Dr^a Norma da Silva Lopes, Dr^a Constância Maria Borges de Souza e Dr^a Emília Helena Portella Monteiro de Souza. A constituição do PEPP foi iniciada em 1998 e concluído em 2000.

estudos sincrônico e diacrônico, pois estuda a língua como um objeto maleável em constante mudança e busca, através de métodos rigorosos, explicar como a língua se estrutura e muda.

A emergência dos estudos sociofuncionais é motivada pelo fato de a Sociolinguística e o Funcionalismo apresentarem postulados comuns, conforme elenca Tavares (2013, p. 34):

- (i) Ambas as teorias priorizam a língua em uso, atentando para sua natureza heterogênea, como foi citado anteriormente sobre os princípios da Sociolinguística Variacionista, cuja variação e mudança são aspectos intrínsecos;
- (ii) A língua não é estática, passa por mudanças constantes;
- (iii) Consideram o fenômeno da mudança linguística como um processo contínuo e gradual;
- (iv) Analisam dados sincrônicos e diacrônicos: as pesquisas se dão em uma perspectiva pancrônica para obter resultados mais confiáveis das análises;
- (v) Acreditam no princípio do uniformitarismo, de modo que as forças linguísticas e sociais que operam sobre a variação e a mudança hoje, são as mesmas que atuaram em épocas passadas.

Görski e Tavares (2016) explicam que a teoria sociofuncionalista passou não só a intensificar e refinar o controle dos condicionadores de natureza funcional, como também a ampliar o escopo gramatical do fenômeno tomado para análise. Assim, fenômenos de natureza discursiva são considerados como objeto de investigação e diferentes grupos de fatores funcionais são controlados como possíveis condicionadores da variação. Esse campo de análise se volta para os aspectos discursivos da variação e a observação da língua em uso, permitindo a interface entre variação e gramaticalização. A gramática, conforme aponta Tavares (2013), é definida como uma entidade emergente (HOPPER, 1987), dinâmica, aberta e sujeita a constantes mudanças que podem ocorrer no dia a dia, nos contextos de uso e têm origem nas experiências dos falantes com as formas linguísticas. Adota-se, então, uma concepção de gramática como um processo em andamento, sempre em constituição, resultado de pressões de cada ato de comunicação de seus falantes.

Tendo em vista que a mudança linguística é um processo gradual e contínuo, com motivações linguísticas, sociais e funcionais, o Socio-

funcionalismo analisa esse fenômeno buscando captar como se dá a sua propagação social e explicar a atuação de fatores de natureza funcional. Cezario, Marques e Abraçado (2016) destacam a importância da contribuição da teoria sociofuncionalista, por permitir entender como a gramática das línguas muda e como se dá a gramaticalização.

Para Martelotta, Votre e Cezario (1996), a gramaticalização consiste em um processo especial de mudança linguística, que é motivado pela regularização do uso da língua e acontece por meio da criação de expressões novas pelos falantes para atender a seus propósitos comunicativos. Nesse caso, a criação de elementos gramaticais se dá por meio da extensão do uso de itens lexicais ou já gramaticais. Entende-se, então, que a gramaticalização é um processo unidirecional através do qual “itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 46). Nesse caso, itens lexicais são entendidos como elementos que designam “entidades, ações, processos, estados e qualidades” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 17); fazem partes dessa categoria os nomes, os verbos plenos, os adjetivos. As categorias gramaticais têm, entre outras, a função de organizar o discurso, ligando palavras, frases e textos, ou marcar noções como tempo, modo, aspecto; são representadas, entre outras classes, por preposições, conjunções e verbos auxiliares.

Em suma,

A gramaticalização é um processo [...] encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 15)

No português brasileiro, um exemplo de gramaticalização é o percurso de mudança do item *estar* de verbo pleno para auxiliar, entre outras novas funções que esse item pode adquirir, como a de marcador discursivo, como apresentaremos na próxima seção deste trabalho a partir da discussão dos resultados encontrados na fala popular soteropolitana.

Essa concepção de mudança gramatical é naturalmente encontrada no Sociofuncionalismo, pois decorre de um ponto comum entre os princípios funcionalistas e variacionistas e resulta da relação entre variação e mudança morfossintática por gramaticalização. Assim, baseado no princípio de estratificação, postulado por Hopper (1991), considera-se que, com a gramaticalização, formas gramaticais mais antigas continuam a ser

usadas com as formas inovadoras, gramaticalizadas em um mesmo domínio funcional.

Nas palavras de Tavares (2013, p. 37), os principais embasamentos metodológicos que envolvem uma análise sociofuncionalista são: (i) analisar o percurso de gramaticalização de uma forma, a fim de identificar domínios funcionais que apresentem formas variantes que tenham a mesma função, em um mesmo período de tempo; (ii) testar diferentes grupos de fatores para identificar contextos linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais, que influenciem as escolhas de uma forma sobre outra, considerando a variação entre elas; (iii) realizar a interpretação dos padrões de variação como indícios de gramaticalização.

Os resultados quantitativos ou qualitativos da análise encontrados são explicados por princípios funcionais que levam em consideração fatores extralinguísticos, cognitivos e comunicativos que podem influenciar as formas de codificar as informações no plano sintático, semântico, morfológico e fonológicos. A frequência de ocorrência dos usos linguísticos é de grande importância para percepção da variação e mudança que venham a ocorrer na gramática da língua e para análise das etapas do processo de gramaticalização.

Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que a variação e a gramaticalização das formas *tá* e *está* se dão por influência não apenas de grupos de fatores internos (como, por exemplo, valor semântico/estrutural), mas também externos (como gênero, nível de escolaridade, faixa etária) à língua. Com base nesses grupos de fatores e em frequências e pesos relativos obtidos, pretendemos explicar as motivações da redução do verbo *estar* e da sua gramaticalização na fala popular de Salvador.

3. Valores semânticos estruturais de *está/tá*: usos no português popular falado de Salvador

Como resultados preliminares da análise qualitativa, evidenciamos que, na fala popular soteropolitana, o verbo *estar*, no presente do indicativo, vem sendo realizado como forma plena (*está*) ou reduzida (*tá*), com distintas funções: verbo pleno em estrutura locativa; verbo de ligação; verbo auxiliar; marcador discursivo e advérbio de afirmação/concordância.

Na amostra, registramos usos de verbos plenos em estruturas

locativas, como em (01) e (02):

(01) (...) “O lenço *tá aí*, mana, procure, que *está aí*” (...) (Inq. 19, mulher, 29 anos, nível fundamental, PEPP, p. 166)

(02) Eu tenho uma filha, minha filha, eu tenho uma filha que *está* aqui, essa que *está em São Paulo* e trabalhava na Olivetti de São Paulo, (...) (Inq. 34, homem, 66 anos, nível fundamental, PEPP, p. 313)

Nos exemplos (01) e (02), encontramos *estar* como verbo pleno em sua forma fonológica reduzida e plena, respectivamente. Nesse uso, esse verbo funciona como núcleo do predicado e preserva, “em sua plenitude, suas propriedades de organização do sintagma verbal e da sentença” (CASTILHO, 2019, p. 392). Nos dois exemplos, *estar* é empregado em estrutura locativa, com o sentido de ‘ficar situado, localizar-se em um determinado lugar’. Em outras palavras, indica o lugar em que um ser/entidade/objeto *está*: *aí* (01) e *em São Paulo* (02). Do ponto de vista sintático, esse lugar se realiza como SAdv (01) ou SP (02) e *estar* é considerado um verbo transitivo adverbial (KURY, 1993).

Sobre o verbo pleno em estruturas locativas, como ilustrado em (01) e (02), Santos (2016) faz a seguinte observação:

[...] verifica-se que, na contemporaneidade, os usos em que *estar* vem acompanhado de alguns advérbios com sentido dêitico (*Estar aqui*, *estar ali* ou *estar acolá*) configuram-se como usos em que o verbo *estar* aproxima-se de sua função como pleno, uma vez que o verbo não *está* ligando um sujeito a um predicado (SANTOS, 2016, p. 229)

Empregos de *estar* como verbo de ligação são ilustrados em (03) e (04):

(03) Não é não, brincadeira de agora *está mais pesada*, brincadeira de hoje em diante agora é, qualquer coisinha tem que ter uma briga (...) (Inq. 18. homem, 23 anos, nível fundamental, PEPP, p. 83)

(04) Pegar uma bronquite?“, quer dizer falta de inteligência, né? Muita, muita, muita, então hoje em dia pode estar acontecendo ainda por isso, pode estar acontecendo ainda por isso, que as crianças são muito rebeldes hoje, eu acho, os jovens muito rebeldes, e quando a gente fala, “menina não faça isso, *tá com as pernas inchadas*, não coma sal”, (...) (Inq. 17, mulher, 53 anos, nível médio, PEPP, p. 274)

Nas ocorrências em (03) e (04), *estar*, funcionando como verbo de ligação, desempenha a função de relacionar uma dada característica (*pesada/com as pernas inchadas*) atribuída aos sujeitos das sentenças (*brincadeira, você* implícito) em que se encontra. Como podemos ver nesses exemplos, do ponto de vista semântico, estar “indica que o estado ou característica são transitórios, efêmeros, válidos apenas para o momento de enunciação”(TRAVAGLIA, 2004, p. 4). Do ponto de vista sintático, *estar* ocorre vinculado a um predicativo do sujeito, expresso por SA (*pesada*) e SP (*com as pernas inchadas*), conforme mostram, respectivamente, (03) e (04).

A respeito dos verbos de ligação, podemos dizer que “na prática quase não são verbos e, sim, meros elementos de ligação” (BAGNO, 2011, p. 614). A perda de predicação desse verbo ocorreu pelo fato de que, anteriormente, na língua portuguesa, para expressar nossa ideia atual de *estar*, usava-se o verbo *ser*, tal como ocorre nas línguas que não diferenciam o verbo *ser* de *estar*. Dessa forma, a predicação perdida foi transferida para o sintagma à sua direita, de modo que recebe o nome de predicativo, pois é a partir do predicativo que se confere propriedade aos outros argumentos da sentença. Bagno (2011) ainda menciona que o verbo *estar* exprime circunstância passageira, qualidade temporária, sendo, portanto, marcado pela noção de [+ transitoriedade], que, de acordo com o autor, permanece associada à etimologia desse verbo.

O uso de *estar* como verbo auxiliar, na sua forma plena e reduzida, é encontrado, respectivamente, nas ocorrências em (05) e (06).

(05) Quase todos moram perto, porque é, moram, quatro moram tudo no Beiru, só tem uma que hoje *está morando* no Castelo Branco. [...] (Inq. 34, homem, 66 anos, nível fundamental, PEPP, p. 312)

(06) Porque eu acho que a criança quando *tá crescendo*, por exemplo, eu tenho a minha, minha afilhada mesmo que, eu perguntei agora pra ela se ela queria a festa da delatetelubies, ela disse que não, que não queria não. (Inq. 12, mulher, 20 anos, nível médio, PEPP, p. 145)

Em (05) e (06), *estar* ocorre na construção auxiliar + gerúndio (*está morando/tá crescendo*), no presente indicativo e, como auxiliar, tem a função de indicar o tempo, o modo, o número e a pessoa gramatical. Nos dois exemplos, marca continuidade de algo (ação, situação, processo etc) ainda em curso. Isso acontece, em (05), quando a

informante menciona que a sua filha está morando em um bairro de Salvador chamado Castelo Branco e, em (06), quando faz referência ao crescimento de qualquer criança.

Santos (2016) cita Koch e Vilela (2001) para explicar a distinção entre verbos auxiliares (05), (06) eplenos (01), (02)e os define do seguinte modo:

[...] O verbo pleno é o verbo cujo conteúdo se dirige diretamente para a configuração da processualidade existente no mundo extralinguístico e que gramaticalmente pode funcionar como predicado da frase sem qualquer apoio ou suporte. O verbo auxiliar é o verbo em que o peso gramatical é preponderante, ou porque o verbo se deslexicalizou e reforçou o seu peso gramatical (gramaticalizando-se) e necessita de um verbo pleno para poder funcionar como predicado ou porque o núcleo predicativo é constituído por um nome (ter consideração por), por um adjetivo (ser inteligente). Neste caso, trata-se de verbos cuja função é só a de serem “auxiliares”, ou de verbos que podem funcionar como verbos plenos e como verbos auxiliares [...] (KOCH; VILELA, 2001 *apud* SANTOS, 2016, p. 110)

Citamos,em (07), um exemplo de *estar* como marcador discursivo. Schifffrin (1987 *apud* VALE, 2000, p. 108) conceitua marcadores discursivos como “elementos que atuam no nível da coerência discursiva”. Sendo assim, podemos dizer, de maneira geral, que um item (como, por exemplo, o verbo *estar* na sua forma reduzida), ao se tornar um marcador discursivo, perde suas propriedades semânticas e passa a operar como uma estratégia que ajuda o falante a organizar, na fala, seu discurso no contexto de interação (VALE, 2000). Sobre essa questão, Scarpa, Snichelotto e Svartman (2017, p. 502) afirmam que “há uma tendência geral nas línguas de itens, partículas e expressões lexicais perderem seu valor referencial original e assumirem novas funções pragmático-discursivas, derivando marcadores discursivos”.

(07) “Tá minha mãe, minha mãe oh pelo amor de Deus, minha mãe. Olhe, minha mãe, depois eu ligo pra senhora, *tá?*” Porque, às vezes, eu estou assim sabe?, aí ela, *tá*, “oh, minha filha”, amanhã, aí quando for amanhã, “ontem eu liguei pra você mas você é muito ocupada, não podiam dar assistência, mas eu só queria hoje ouvir a sua vozinha, uma saudade de sua vozinha rouca. (Inq. 17, mulher, 53 anos, nível médio, PEPP, p. 290)

Em (07), o uso do marcador discursivo *tá?* é empregado pelo informante quando o mesmo se refere ao interlocutor com o intuito de solicitar a concordância do mesmo no contexto discursivo. De acordo com Martelotta (2009), os usos de *tá?* refletem uma trajetória de

mudança que ilustra uma passagem de pergunta referencial, típica de final de cláusula ou sintagma, à pergunta retórica, que exige uma resposta do ouvinte necessariamente, no contexto em que esses usos assumem novas funções de caráter pragmático-discursivo.

Além de funcionar, em forma isolada, como marcador discursivo (07), *estar*, na sua forma reduzida (*tá*), também ocorre em construções com auxiliar e gerúndio (08). Nesse caso, é toda a construção que tem a função de marcador discursivo.

- (08) [...]ela é noiva, mas não se vê, nós fomos pra Paulo Afonso, ele dormiu no quarto com o tio dela, se saiu, fomos pra praça, mas não, se viu, **tá entendendo?**[...] (Inquérito 41, Mulher, 68 anos, nívelmédio PEPP, p. 355)

Em (08), a informante emprega **tá entendendo?**, como requisito de apoio discursivo (FREITAG, 2009), com o intuito de testar, no contexto interacional, a atenção do interlocutor em relação ao que é dito. Nesse sentido, **tá entendendo?** marca uma função interpessoal (HALLIDAY, 1976 *apud* CARVALHO; GOMES, 2017), assumindo um papel discursivo-pragmático.

No *corpus*, também registramos usos de *estar*, em sua forma reduzida, como advérbio de afirmação ou concordância, tal como considerado por Santos (2016). Esses usos se atualizam como *tá* (09), *tá bom*(10) e *tá certo* (11).

- (09) Tem que ter, então agora eu digo pô, você está mal nisso aqui, e aí, você diminui de, de, né, de produção, você tem que melhorar e tal, nisso, vombora ver com sua professora, então isso aí...

DOC: Mostrar interesse...

Inf.: Poxa, minha mãe, **tá...**(Inq.23, mulher, 34 anos, nívelmédio, PEPP, p. 218)

- (10) DOC: É, eu acho que nós podemos encerrar a conversa que nosso tempo já foi o suficiente viu H... obrigada.

Inf. **Tábom!** (Inq. 34, Homem, 66 anos, nível fundamental, PEPP, p. 298)

- (11) Aí eu faço: “S. você tem que ficar com... com K., porque o apelido dela é K., que é nome é Alessandra, tem que ficar

com ela porque mamãe vai sair e Solange vai sair e quem vai te olhar? Então você não fique brigando com ela não, porque ela é sua irmã, ela gosta de você.” *tá certo*, mainha, eu vou obedecer, olhe K, você vai ser minha babá hoje, viu? (risos) (Inq. 36, mulher, 45 anos, fundamental, PEPP, p. 245)

Nas ocorrências (09), (10) e (11), podemos notar que o falante utiliza, respectivamente, *tá*, *tá bom* e *tá certo* como forma de concordar com o seu interlocutor no contexto de interação. Em (09) e (11), as informantes concordam com as suas mães quanto a algo dito por essas: em relação a mostrar interesse pelo estudo (09) e a cuidar da irmã (11). Em (10), o informante concorda com o documentador em relação ao término da conversa. Para Santos (2016), exemplos como (09), (10) e (11) representam casos de gramaticalização do verbo *estar*, na sua forma reduzida, em advérbio de afirmação ou concordância. Neste trabalho, temos esse mesmo entendimento.

A redução fonética e a gramaticalização do verbo *estar* já foram alvo de investigação em trabalhos que partiram da análise de dados de fala e/ou escrita do português brasileiro (MENDES, 1999; REIS, 2010; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019). Tais autores concluíram que há um processo de mudança linguística do item *estar* associado à gramaticalização, observado também nesta pesquisa em andamento. Segundo Pinheiro (2019), é possível traçar o percurso em que se deu a gramaticalização de *estar* a partir da análise das funções que o item desempenha: verbo principal² > verbo de ligação > verbo auxiliar > expressão cristalizada > marcador discursivo.

Neste trabalho, seguindo parcialmente Pinheiro (2019) e considerando os usos encontrados nos dados de fala popular soteropolitana, assumimos o seguinte *continuum* de gramaticalização do verbo *estar*: verbo pleno > verbo de ligação > verbo auxiliar > advérbio de afirmação > marcador discursivo. Os *continua* apresentados anteriormente revelam um processo de mudança categorial do verbo *estar* (de verbo a advérbio e/ou a marcador discursivo), o que evidencia que a gramática das línguas naturais muda constantemente. Mostramos, a partir dos resultados obtidos em relação às funções do item *estar* e seu

² Pinheiro (2019) usa o rótulo *verbo principal* como sinônimo de verbo pleno.

avanço no processo de gramaticalização, que a redução fonética da forma *está* apresenta uma relação com seu processo de mudança categorial, permitindo que esse verbo assumia diferentes funções a partir do contexto de uso efetivo da língua.

4. A Análise quantitativa: resultados de oito entrevistas do PEPP

Para realizarmos a análise quantitativa, tomamos, como variável dependente, as formas *está* e *tá* e controlamos as seguintes variáveis independentes: (i) valor semântico/estrutural (verbo pleno, verbo auxiliar e marcador discursivo); (ii) sexo (masculino e feminino); (iii) nível de escolaridade (fundamental e médio); (iv) faixa etária: FI (15 a 25 anos) e F4 (acima dos 65 anos). Entre essas variáveis, a primeira é linguística e as demais, sociais³.

Na análise, consideramos apenas oito entrevistas do *corpus* da pesquisa. Os resultados foram obtidos através da quantificação dos dados por meio do programa GoldVarb X. Os resultados preliminares demonstram que a forma reduzida *tá* é menos utilizada que a forma plena *está* em Salvador: nos dados, foi encontrado um percentual de 46, 5% de ocorrências de *tá* e 53,5% de *está*.

Quanto aos resultados da variável valor semântico estrutural, nos dados dos oito inquéritos examinados, só há usos de *estar* como verbos pleno e auxiliar. Tais resultados se assemelham aos achados de Pinheiro (2019), que constatou maiores ocorrências de *estar* como verbos pleno e auxiliar na fala capixaba. Como podemos observar na tabela 1, com a função de verbo pleno, a forma reduzida *tá* (42,6%) apresenta menos ocorrências do que a forma plena *está*. Como auxiliar, há uma distribuição equitativa entre as formas plena e reduzida de *estar*, com 50% das ocorrências para cada uma. Verificamos, então, que a forma reduzida *tá* ocorre mais como verbo auxiliar (uso gramaticalizado) do que como verbo pleno, com uma diferença percentual de 7,4% entre esses dois usos.

Tabela 1: Frequência da escolha do *tá* quanto ao valor semântico/estrutural.

| Fatores | Dados/ total | % |
|---------|--------------|---|
|---------|--------------|---|

³ Em relação aos grupos de fatores sociais, não realizamos, nesta análise preliminar dos dados, o cruzamento entre esses grupos, o que faremos em uma etapa posterior da pesquisa, com uma maior quantidade de dados.

| | | |
|----------|--------|------|
| PLENO | 40/94 | 42,6 |
| AUXILIAR | 53/106 | 50 |

Fonte: Elaboração própria.

A tabela 2 exibe os resultados referentes à distribuição da forma *tá* em função do sexo dos informantes.

Tabela 2: Condicionamento da variável sexo sobre a escolha do *ta*.

| | Dados/Total | % | Peso Relativo |
|--------|-------------|------|---------------|
| HOMEM | 12/93 | 11,9 | 0,140 |
| MULHER | 81/93 | 81,8 | 0,865 |

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da tabela 2 apontam que *tá* ocorre principalmente entre as mulheres (peso relativo de 0,865), enquanto os homens apresentam peso relativo menor (peso relativo de 0,140). O fato de a forma *tá* não ser estigmatizada pode explicar o fato de as mulheres utilizarem mais a forma reduzida do que os homens. Como tem mostrado a literatura sociolinguística, mulheres empregam menos formas linguísticas estigmatizadas (LABOV, 2008[1972]). Nos termos de Pinheiro (2019, p. 102), como não há estigma na redução de *estar* por parte dos falantes, “é de se esperar que as mulheres tomem a frente desse processo, adotando postura inovadora e sem conformidade com as normas vigentes”.

Segundo Mollica (2010), “a escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio” (MOLLICA, 2010, p. 28). A tabela 3 mostra os resultados da variável nível de escolaridade nos dados de fala popular soteropolitana examinados.

Tabela 3: Condicionamento da variável nível de escolaridade sobre a escolha do *ta*.

| Nível de escolaridade | Dados/Total | % | Peso Relativo |
|-----------------------|-------------|------|---------------|
| Fundamental | 24/79 | 30,4 | 0,367 |
| Média | 69/121 | 57 | 0,588 |

Fonte: Elaboração própria.

Conforme observamos na tabela 3, os usos de *tá* apresentam maior ocorrência entre falantes do nível médio (com peso relativo de 0,588) do que entre falantes do nível fundamental (com peso relativo de 0,367). Percebemos, então, que a escolarização não tem influência significativa entre os informantes de nível médio e, nesse caso, parece que o uso da

forma reduzida *tá* não é visto como desprestigiado ou estigmatizado por esses falantes.

Sobre a variável nível de escolaridade e o uso da forma reduzida *tá*, Pinheiro (2019) concluiu que controlar o tempo em que um informante teve contato com o ensino regular é de extrema importância em um estudo linguístico, mesmo quando se trata de um fenômeno que, na fala, ocorre abaixo do nível da consciência social, não sofre estigma e não recebe tanta atenção por parte das instituições formais de ensino.

Na tabela 4, estão os resultados para a correlação entre forma reduzida *tá* e a variável faixa etária.

Tabela 4: Condicionamento da variável faixa etária sobre a escolha do *ta*.

| Faixa etária | Dados/Total | % | Peso Relativo |
|-------------------------|-------------|------|---------------|
| F I (15 a 24 anos) | 55/93 | 53,9 | 0,629 |
| F IV (acima de 65 anos) | 38/93 | 38,8 | 0,366 |

Fonte: Elaboração própria.

Observando os resultados demonstrados na tabela 4, quanto ao condicionamento da faixa etária, nota-se que são os mais novos que tendem a realizar mais a forma *tá*, com um peso relativo de 0.629 e, contrariamente, os mais velhos tendem a empregar menos essa forma reduzida (0,366).

5. Considerações finais

Neste trabalho, a partir de pressupostos teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo, analisamos a variação entre *está* e *tá* e a gramaticalização dessas formas na fala popular soteropolitana. Para tanto, utilizando dados empíricos do português popular falado de Salvador, investigamos quais são as possíveis funções desenvolvidas pelo item *estar* e em quais contextos ocorrem os usos das formas plenas ou reduzidas desse verbo pelos falantes soteropolitanos. Sendo assim, consideramos a influência de grupos de fatores linguísticos (valor semântico/estrutural) e sociais (sexo, nível de escolaridade e faixa etária) que condicionam a variação entre as formas plena e reduzida de *estar* e a sua mudança.

A análise dos dados foi realizada em viés qualitativo e quantitativo. Para a análise qualitativa, observamos dados de dezesseis inquiridos

do PEPP e, para a análise quantitativa, de oito inquéritos. Os resultados preliminares da análise qualitativa apontaram que o verbo *estar* pode assumir distintas funções - verbo (pleno, de ligação, auxiliar), uso equivalente a um advérbio de afirmação/concordância e marcador discursivo, o que ratifica achados de outros estudos sobre outras variedades do português brasileiro (MENDES, 1999; SANTOS, 2016; PINHEIRO, 2019).

Os resultados quantitativos encontrados mostraram que, na fala de Salvador, o verbo *estar*, no presente do indicativo, foi mais usado como forma plena, se sobressaindo à forma reduzida. Quanto à função do item, os resultados revelaram apenas usos de *estar* como auxiliar ou pleno, o que significa dizer que não foram encontrados, nos oito inquéritos analisados, dados de *está/tá* como verbos de ligação, advérbio de afirmação/concordância e marcadores discursivos.

No que concerne à redução fonética e gramaticalização de *estar*, verificamos que esse verbo, como auxiliar (uso gramaticalizado), ocorre tanto com a forma fonológica plena (*está*) e reduzida (*tá*). Quanto aos parâmetros sociais considerados, no que diz respeito à variável sexo, o uso do *tá* ocorreu principalmente entre as mulheres. No que concerne ao nível de escolaridade, falantes do nível médio tendem a utilizar mais o *tá*. Observando os resultados das duas faixas etárias, constatamos que foram os mais novos que realizaram a forma reduzida.

Assim, ao examinarmos dados de *estar* com diferentes funções, consideramos que, neste trabalho, há uma relação significativa quanto à escolha do falante em relação às formas *está/tá*, condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Este estudo será expandido a partir de novos levantamentos de dados, considerando outras faixas etárias e ampliando o número de grupos de fatores linguísticos. Esperamos que os seus resultados possam contribuir para uma melhor compreensão acerca do funcionamento da variação linguística e da sua interface com a mudança categorial via gramaticalização no português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

CARVALHO, Cristina dos Santos; GOMES, Jande Cleia Capistrano. *Olha, Olhe e Oh: gramaticalização do verbo olhar na fala popular soteropolitana. Estudos linguísticos e literários*, 2017, n. 57, p. 297-318. Salva-

dor: EDUFBA. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24779/15721>.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscila Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JR. Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-59

FREITAG, Raquel Meister. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *ReVEL*, 2009, v. 7, n. 13. p. 01-15. Disponível em: www.revel.inf.br.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; HERNANDES, Maria Célia Lima; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. (Orgs). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66

GÖRSKI, Edair Maria.; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. *Revista do GELNE/RN*, v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411>.

HOPPER, Paul John. Emergent grammar. *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1987.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Gramaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University, 2003.

HOPPER, Paul John. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (Eds). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 6. ed. Ática, São Paulo, 1993.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges; SOUZA Emília Helena Portella Monteiro. *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*. Quarteto, Salvador, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Usos do marcador discursivo *tá?* *Veredas*: revista de estudos linguísticos, v. 1, p. 89-106. Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009>

_____; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996.

MENDES, Ronald Beline. *A Gramaticalização de estar + gerúndio no Português Falado*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas-SP, 1999.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: ____; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-31

PINHEIRO, Frederico Pitanga. *Tá mudando? Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item estar na fala de Vitória-ES*. Dissertação de Mestrado, 2019.

REIS, Paula Cristina. O verbo estar em formação perifrástica com participios verbais: um caso de gramaticalização. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça-SC*, out: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010. p.1-9. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12467238/paula-reis-x-celsul>

SANTOS, Ana Lúcia. *Usos dos verbos ser e estar no português brasileiro*: uma abordagem funcional. Dissertação de Mestrado: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2016.

SCARPA, Ester Mirian; SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost; SVARTMAN, Flaviane Romani Fernandes. Deslizamento funcional de marcadores discursivos e entoação em narrativas infantis. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, p. 499-517, Campinas, 2017.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar*. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, 2013, v. 17. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/issue/view/148>.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais? *Estudos Linguísticos*, v. XXXIII, p. 01-06. Campinas-SP, 2004.

VALE, Carla Regina Martins. *Marcadores discursivos*: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. Working

Papers em Linguística, n. 04, p. 104-13, UFSC, 2000.